

Apresentação

Apresentam-se nesta edição de *Língua & Literatura* artigos relacionados à leitura como fonte de prazer na perspectiva do leitor que, ao contato com o texto de outrem, torna-se também um coautor do texto que lê. Múltiplas as foram abordagens suscitadas pela proposta dos editores, como perceberão os leitores. Em todas, dentre as quais assume particular importância os relatos de experiências em curso, tomou espaço a presença do prazer, da sedução exercida pelo legível, em uma combinação criativa e, por isso mesmo, criadora de novas realidades, incentivadora de novas perguntas, de novos processos de interação, de leitura e compreensão de mundo e de si mesmo, de autonomia.

Em *Um dizer discursivo sobre a leitura: diálogo, prazer e autonomia*, **Ieda M. Donati Linck** e **Antonio Escandiel Souza** socializam com nossos leitores a realização, desde 2007, do projeto *Leitura, uma prática à liberdade*. Iniciativa da Universidade de Cruz Alta, respaldado na evidência da importância da educação, da cultura e da informação para fazer frente às desigualdades do mundo atual, o Projeto mencionado contempla uma escola pública da periferia de Cruz Alta/RS, desenvolvendo-se na perspectiva de que além de enriquecer o vocabulário, a leitura tem um papel formador diante da sociedade. Incluindo subprojetos vinculados às áreas de teatro e dança e ofertando cursos gratuitos de informática aos alunos participantes, o Projeto ultrapassa os limites físicos da escola, indo até as residências dos estudantes, mediante visitas periódicas que buscam comprometer os responsáveis a estimularem nas crianças e jovens a buscarem cada vez mais a leitura como algo prazeroso e requisito indispensável ao aprendizado.

Já **Marinês Andrea Kunz** e **Márcia Regina Santos de Sou-**

za, no artigo *Leitura e dialogismo: implicações para o ensino*, enfatizam uma realidade preocupante – a falta de preparo teórico por parte dos professores para elaboração de projetos de leitura adequados e interessantes e, ainda, o fato de os docentes não serem, efetivamente, leitores de literatura. Esses fatores, conforme enfatizam as autoras, resultam nos resultados sofríveis obtidos pelos estudantes brasileiros quando submetidos a exames de proficiência leitora. A partir dessa realidade e baseado nas propostas teóricas de Mikhail Bakhtin, o artigo em pauta apresenta a leitura como tema à discussão, sob uma perspectiva dialógica, tomando o poema *Primeira lição*, de Pedro Ivo, como ponto de partida.

Em *Ler com outros olhos: a leitura para pessoas com deficiência visual (PDVs)*, **Marcus Vinicius Liessem Fontana** tece considerações sobre as características da leitura e as formas pelas quais pessoas com deficiência visual podem se tornar leitores – o braile, a mediação de outro, os arquivos sonoros. O autor apresenta o Projeto Além da Visão e comenta sobre a Audioteca Virtual, integrante do mesmo Projeto, que disponibiliza arquivos em áudio online, com leituras de textos literários em português e espanhol, acessíveis a deficientes de qualquer lugar do mundo. A iniciativa visa a não só permitir que estudantes das duas línguas tenham acesso fácil ao *input* linguístico e a aspectos culturais que as ajudem a desenvolver o gosto e a curiosidade pela língua em estudo, mas, também e essencialmente, oferecer à pessoa com deficiência visual a oportunidade de fruição da literatura, a experiência do prazer que um bom texto literário pode proporcionar e, dessa forma, cumprir “um dos mais importantes deveres das instituições públicas, que é o de criar condições de igualdade e inclusão social”, como destaca o autor.

Leitura como desafio ao exercício reflexivo e criativo do leitor no contato com o texto literário – essa é a proposta de **Ernani Mügge** e **Juracy Assmann Saraiva**, autores de *Inserção do leitor em narrativas de Sergio Faraco*. Os autores tomam como objeto de sua atenção analítica os contos *Um dia de glória* e *Domingo no parque*, de Sergio Faraco, escritor rio-grandense contemporâneo. Partindo de teorias acerca da construção do gênero, os autores analisam as características estéticas trabalhadas pelo contista, determinantes para a estrutura lacunar apresentada como um desa-

fio ao leitor para que construa a história cifrada subjacente nos interstícios da história aparente. Como característica essencial das obras analisadas, Mügge e Saraiva apontam a simplicidade habilmente construída pela contenção e clareza com que Faraco reveste sua contística. Plena de sentidos múltiplos, a obra de Faraco surge como um desafio ao seu leitor para que, abstraído uma história cifrada a partir do que lê, atue sobre o texto – “que se revela como fonte de conhecimento da complexidade do ser humano e do mundo em que vive”, na definição de Mügge e Saraiva.

No artigo *Alice Munroe a arte de contar*, **Maria Eloisa Zanchet Sroczyński** visita exemplos da verve literária de Alice Munro, agraciada com o Nobel de Literatura/2013. Com base na obra *Too much happiness*, traduzida ao português como *Felicidade demais*, Sroczyński analisa os contos “Dimensões” e “Madeira”, colocando em realce a maestria com que a contista canadense, reconhecida como hábil e competente autora de histórias curtas, sempre pronta a surpreender seus leitores, manipula tema e linguagem, forma e sentido, fábula e trama, ou seja, ‘o que diz’ no ‘como diz’, conforme constata a autora do artigo. Os contos de Munro quebram os limites do conto tradicional – fechado, redondo, linear. Buscando trilhas independentes no percurso da narrativa contemporânea e nessa busca alcançando um caráter universalizante, marcada por diferentes modalidades temporais, pelo paradoxo próprio do mundo comportamental das personagens, além dos finais abertos e dúbios, a narrativa de Munro é um permanente convite ao prazer do contato com a refinada arte de contar, como mostra Sroczyński neste artigo.

Em *Literatura, discurso e questões de gênero: considerações sobre dois best-sellers do século XXI, suas protagonistas e seus reflexos sobre as leitoras*, **Renata Kabke Pinheiro** apresenta reflexões acerca do discurso sobre a mulher “ideal”, com direito ao “final feliz”, em circulação nas séries *Crepúsculo* e *Cinquenta tons de cinza*, que atraíram um público específico – as leitoras, com idades variando desde a adolescência até mais de sessenta anos. Em comum, essas obras têm uma característica, qual seja, o fato de encantarem uma boa parte de leitoras e, ao mesmo tempo, indignarem a outras, nos dois casos pelos mais diversos motivos. Neste artigo, a atenção de Pinheiro se volta para as protagonistas de ambas a séries, respec-

tivamente, Bella em *Crepúsculo*, e Anastácia (Ana) em *Cinquenta tons de cinza*, com o intuito de averiguar como essas personagens podem ter influenciado as leitoras no que se refere à imagem de mulher que elas, protagonistas, “apresentam e representam, com reflexos sobre a construção de gênero das leitoras”.

Aberta à publicação, em fluxo contínuo, de artigos sobre temas variados fora da temática proposta pela Editoria da revista, a seção *Vária* apresenta-se neste número de *Língua & Literatura* com onze contribuições.

No artigo *Lendas do folclore brasileiro: um estudo com crianças do ensino fundamental*, as autoras **Gisele Maria Costa Souza** e **Marcela de Almeida Abreu** relatam análise realizada com crianças do terceiro ano do primeiro ciclo do ensino fundamental de uma escola pública do município de Seropédica, no Rio de Janeiro. Baseando-se em contação de histórias, em desenhos infantis e na mostra de figuras, as autoras buscaram apreender a percepção das crianças sobre as características e comportamentos socialmente aceitos, presentes em personagens masculinos e femininos de lendas do folclore brasileiro.

Já em *Identidades no PROEJA: as exclusões e os pertencimentos*, **Evanir Piccolo Carvalho** e **Hilário Inácio Bohn** analisam, no âmbito da Linguística Enunciativa, deslocamentos identitários e a construção de pertencimentos dos sujeitos a partir do PROEJA como modalidade educacional. Com a fundamentação teórica baseada na perspectiva dialógica bakhtiniana, foram entrevistados treze alunos do PROEJA em um Instituto Federal do Rio Grande do Sul. As entrevistas, em forma narrativa, foram realizadas e examinadas de acordo com subsídios interdisciplinares dos estudos interculturais e levaram as autoras a resultados que, no PROEJA, apontam para a ressignificação de percursos, a busca de pertencimentos e para a projeção de identidades futuras pela profissionalização.

Em *De más a boazinhas: a prostituição no fio do discurso da moral*, **Mirielly Ferraça** analisa sequências discursivas retiradas de entrevistas com quatro garotas de programa com o objetivo de avaliar os valores morais subjacentes nos respectivos discursos. Tendo por fundamentação teórica a Análise do Discurso de filiação francesa, a autora constatou o choque e o confronto entre

contradições inseparáveis— de um lado, os conceitos de bom, certo, virtuoso; de outro, os conceitos opostos: o mau, o errado, o vício. Segundo Ferraça, as entrevistadas são imbuídas da moral convencional, que reiteram e tomam como parâmetro para julgamento próprio e dos demais de seu meio. “As entrevistadas se olham no espelho, mas não veem sua imagem nele, pois não se concebem como transgressoras”, diz a pesquisadora, refletindo sobre os dados obtidos em sua pesquisa. E completa: “(...) elas sempre têm boas razões para fazerem o que fazem. As outras é que não precisariam ser prostitutas: elas próprias não tiveram outra saída e estão onde estão por força das circunstâncias”.

No artigo *As práticas de letramento na formação continuada de professores de Língua Portuguesa*, **Angela Madeiros Assis-Brasil** comenta sobre resultados obtidos em pesquisa sobre quais concepções de letramento e de práticas de letramento circulam na formação de professores de Língua Portuguesa. Foram analisados artigos publicados *online*, classificados em WebQualis A1, A2 e B1, na área de Linguística. A análise, segundo a pesquisadora, aponta para as práticas relacionadas com a leitura e a escrita nas atividades da vida social, destacando-se o memorialista como um dos gêneros discursivos utilizados nas práticas de letramento do professor. A pesquisadora encerra seu artigo afirmando ser necessário que “além dos professores em formação, também o professor em serviço reflita sobre suas práticas de letramento e o seu acesso à cultura letrada, realizando a renegociação de saberes, por meio de projetos de formação continuada, socializando seu trabalho com a universidade e recebendo atualização necessária para a sua prática pedagógica”.

Em Índio só é índio se fala língua indígena: representações de identidade indígena, **Rosana Hass Kondo** e **Letícia Fraga** trazem às páginas de L & L dados e análises resultantes de uma pesquisa etnográfica, realizada em nível de mestrado, entre os anos de 2011 e 2012, na comunidade indígena do Pinhalzinho, localizada em Tomazina, Paraná. Cerca de catorze pessoas foram ouvidas pelas pesquisadoras, que partiram do pressuposto de que as representações são social e permanentemente (re)construídas e da “[...] premissa de que a identidade não está alocada ou é construída necessariamente em uma dada materialidade”, como afirma Maher

(2012, p. 97). O objetivo de Kondo e Fraga com seu trabalho investigativo foi o de argumentar sobre que a identidade indígena pode ser veiculada não somente em Língua Guarani, mas também em Português. Os resultados a que chegaram sugerem que a representação que os guaranis apresentam sobre língua, cultura e identidade indígena é influenciada pelas concepções que os não indígenas elegeram como critérios definidores para tais aspectos. Mediante os dados obtidos, observaram elas que a identidade guarani é dinâmica e mutável, pois se transforma cotidianamente dependendo de como é interpelada; é, também, complexa e conflituosa, “porque ao mesmo tempo em necessitam (re)afirmar sua identidade indígena, por meio de símbolos indígenas perante a sociedade dominante, também necessitam fazer circular sua identidade indígena por meio de símbolos da cultura não indígena”.

14

Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti traz aos nossos leitores o artigo *Aculturação e des-subjetivação simbólica: o discurso da violência no jornal indígena AJINdo*, de Dourados-MS, em que analisa, com o suporte teórico da Análise do Discurso de filiação francesa, o discurso da violência presente no jornal indígena *AJINdo*. Primeiro jornal escrito por indígenas de Dourados, Mato Grosso do Sul, constitui-se em veículo de transmissão e de informação da comunidade indígena, sobretudo de seus membros mais jovens. O trabalho analítico de Limberti procura compreender as condições de produção discursiva, o contexto social, histórico e ideológico que traduzem a relação indígena atual com o não índio como sendo uma relação complexa, de grande conflito e violência física e/ou simbólica.

Com o objetivo de comprovar a hipótese, nascida de observações informais, de que o Português teria um “valor” sociolinguístico mais elevado que o Espanhol na região conhecida por “Tríplice Fronteira”, em *Espaços do português e do espanhol no Tríplice Fronteira; análises preliminares*, **Thiago Bolivar** analisa o alcance dos dois idiomas em determinados espaços interativos nas cidades de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguazú (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). Seguindo a metodologia clássica das pesquisas sociolinguísticas “rápidas e anônimas”, como as descritas por Labov (1984), a pesquisa de campo realizada por Bolivar demonstrou que, localmente, o Português permeia as fronteiras brasileiras, ten-

do ampla penetração em Ciudad Del Este e em Puerto Iguazú. Já o Espanhol, diferentemente do que acontece com o Português, ocupa poucos espaços em Foz do Iguaçu. Tal resultado, consoante observações do pesquisador, parecem apontar para uma situação de desigualdade nesse aspecto. O trabalho apresentado por Bolívar, conforme suas palavras, “firma-se, de qualquer forma, apenas como um primeiro passo na resolução de questões que envolvem o contato linguístico na região. Uma investigação completa sobre o tema pedirá, ainda, estudos sobre atitudes linguísticas e representações ou imaginários de ordem nacional por parte dos sujeitos (sejam eles bilíngues Português-Espanhol ou não) da “Tríplice Fronteira””.

Em *Políticas e planificações linguísticas: exclusão e resgate da Língua Alemã de origem étnico-cultural*, **Franciele Maria Martiny** e **Clarice Nadir von Borstel** analisam a história linguística do Português como única língua no país até o processo da modernidade e de certo reconhecimento do plurilinguismo e do pluriculturalismo, quando os Estados procuraram resgatar línguas minoritárias. O artigo aborda a política linguística implantada no Paraná com a oferta, através do CELEM, dos cursos de línguas alóctones e de fronteiras, fato que se constituiu numa tentativa para manter a cultura e as línguas dos imigrantes. O artigo de Martiny e Von Borstel traz ainda, numa perspectiva tanto quantitativa quanto qualitativa, informações sociolinguísticas das turmas de língua alemã, do município de Marechal Cândido Rondon, no Paraná, no que concerne a informações sobre quem são esses alunos e sobre qual a relação que mantém com a língua de herança, de origem étnico-cultural.

Ondina Maria da Silva Macedo e **Eliane Marquez da Fonseca Fernandes** analisam, no artigo *Os gêneros discursivos no assentamento Poções-GO como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico*, relatam trabalho de pesquisa realizado a partir de um encontro entre técnicos agrícolas do Instituto Federal Goiano Câmpus Ceres e um grupo de assentados do Assentamento Poções-GO. O interesse em saber qual o entendimento que os assentados tinham acerca do material oralizado e escrito que lhes era deixado durante encontros semelhantes àquele motivaram as pesquisadoras a um levantamento dos gêneros dis-

cursivos utilizados e também à descrição de como os diferentes sujeitos se relacionam no processo sociointeracional. Partindo da concepção bakhtiniana de que há uma diversidade e uma heterogeneidade dos gêneros em qualquer esfera da comunicação humana, as autoras informam ter constatado, na interação, o entrecruzamento de vozes da empiria e da técnica científica nas escolhas que os interlocutores fazem de determinado gênero.

Maria Eduarda Gonçalves Peixoto e Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos fecham a Seção de *Vária* deste número de *Língua & Literatura* com o artigo *Polidez linguística e antagonismo social no escândalo político: construindo a face do inimigo nos “Novos alopados”*, em que colocam em relevo o escândalo político como luta social. A cobertura que a revista brasileira *Veja* fez do evento serviu de motivação para o estudo realizado pelas autoras a partir da articulação do modelo teórico-analítico de estratégias de polidez linguística de Brown e Levinson (1987) com a discussão sobre antagonismos sociais de Slavoy Žižek (2011). Ao final, Peixoto e Santos informam ter verificado que o antagonismo social entre excluídos e incluídos, constitutivo das democracias contemporâneas, manifesta-se em *Veja* através de deslocamentos, que refundam fronteiras acerca do antagonismo mencionado e consistem, embora sem exageros, numa forma de violência, ao construir oposições que delimitam o que é ou não legítimo. As autoras encerram seu artigo argumentando sobre que os problemas sociais, no entendimento de ambas, são também discursivos, razão da necessidade e da urgência de se “compreender o fenômeno linguístico como uma forma de agir no mundo, uma vez que esse caráter, que o torna perigoso, potencializando-o da capacidade de gerar discriminações e violências, também o faz tão poderoso quanto nas lutas contra essas mesmas relações de opressão e exclusão”.

A Editoria desta edição de *Língua & Literatura* agradece a indispensável contribuição de autores/colaboradores e, de um modo muito especial, à sua plêiade de pareceristas, pela leitura atenta e qualificada dos textos submetidos e aqui apresentados aos nossos leitores.

Maria Thereza Veloso